



**ARTICULAÇÕES ENTRE PSICANÁLISE
E EDUCAÇÃO E ALGUMAS ESPECIFICIDADES
NUMA ESCOLA PARA SURDOS**

Sandra Pavone de Souza^{*}

Tatiana Karinya C. Rodrigues^{**}

Introdução

Este trabalho surgiu do desejo de poder pensar a atuação do psicólogo na escola, a partir das articulações entre psicanálise e educação. A partir disso, iniciou-se um estágio de observação numa escola de educação infantil para crianças surdas. Essa particularidade tornou indispensável acrescentar, às nossas inquietações iniciais, algumas considerações.

Reflexões acerca da educação vêm sendo abordadas pela psicanálise desde Freud. Kupfer (1997) diz, em *Freud e a educação – o mestre do impossível*, que

* Psicanalista, membro da equipe de Serviço de Psicologia da DERDIC, PUC-SP, especialização Psicanálise com Crianças, Lugar de Vida - USP, professora e supervisora universitária.

** Psicóloga, aprimoranda da Derdic, PUC-SP.

cada vez que Freud se interrogava ou avançava sobre o funcionamento psíquico, examinava o que era fruto das influências educativas recebidas pelo indivíduo, ou seja, o efeito da educação na constituição do psiquismo.

Como nos lembra Kupfer (1997),

Freud acalentava o sonho de que um dia a psicanálise pudesse ser colocada a serviço da sociedade e, principalmente, da educação. Mas por que imaginava Freud que a psicanálise teria uma contribuição a dar à sociedade como um todo, e não somente através do tratamento individual do paciente? (p. 7)

E acrescentaríamos: como poderia ser a atuação do psicanalista diante do contexto escolar?

Podemos ainda aproximar a educação e a psicanálise estudando a obra freudiana e o modo como ela nos é apresentada

(...) porque seu peculiaríssimo modo de produzir teoria revelou a preciosa relação que tinha com o ato de pensar: Freud pensou com a sua mente e com o seu desejo. E ao transmitir sua teoria cunhada nessa *preciosa liga do conhecer com o desejar*¹ transformou-se num mestre extremamente eficiente. (Kupfer, 1997, p. 8)

Mesmo com essas articulações possíveis, sabemos que a psicanálise e a educação apóiam-se em diferentes fundamentos e que, portanto, a cautela é necessária.

Objetivos

A proposta do presente trabalho é refletir sobre a possibilidade e as especificidades do psicanalista na escola e pensar numa intervenção nesse contexto, que não se confunda com uma direção pedagógica para o desejo, nem com um trabalho de análise individual.

Além disso, era inevitável que nos interrogássemos se o fato desta ser uma escola para crianças surdas faria nesses laços que buscávamos constituir alguma diferença.

1. Grifo nosso.

Metodologia

1. Traçar as possíveis articulações entre a psicanálise e as diferentes vertentes da educação.

2. Fundamentar, a partir dos conceitos psicanalíticos de transferência e sublimação, qual nos parece ser a via de intervenção no contexto escolar.

3. A partir de observações numa escola de educação infantil para surdos, apresentar algumas considerações iniciais sobre o que nos pareceu ser a especificidade desse contexto.

Psicanálise e educação: aproximações e singularidades

Pensamos que seria audacioso de nossa parte propor uma distinção entre pedagogia e educação marcando as diferentes vertentes para as quais cada uma aponta. Entretanto, podemos indicar que tem sido freqüente, entre os autores, a preocupação com essas demarcações. Em relação a isso, pode-se salientar uma diferença entre pensar a educação:

1. sob a vertente que privilegia as normas para o ensinar em torno de saberes previamente determinados – didático-metodológicos, por um lado; e

2. sob a vertente que norteia a relação entre o conhecer e o desejar, por outro.

Ou seja, a primeira vertente privilegia e põe em evidência uma relação entre a técnica e o ato de aprender, padronizando seus passos lógicos; enquanto a segunda entende o conhecer pela via do desejo.

Freud teria abordado a educação, em certos momentos da sua obra, através da segunda concepção, ou seja, enfatizando que o conhecer se faz possível a partir de sua articulação com o desejar. Ele mesmo, ao produzir sua obra, fez essa articulação. O previsível e o imprevisível se contrapõem aqui, ao pensarmos a pedagogia como aquela que pretende prever quais serão os passos dados por uma criança ao aprender. Porém, se pensarmos a educação pelo imprevisto, como nos indica Freud, a psicanálise terá, então, uma aproximação possível da educação, resguardando de antemão suas singularidades, como campos epistemológicos e de atuação distintos.

Lajonquière (1996) diz que o discurso pedagógico moderno pede às crianças que venham de fato a encarnar seus sonhos didático-metodológicos, estruturados com vistas a conseguir o impossível da criança ideal.

Nesse contexto, não perdendo de vista que o cotidiano escolar se articula em torno de uma série de *saberes a priori* (os didático-metodológicos) justificados em teorias psicológicas do desenvolvimento natural, afirmamos que na escola o que de fato está em pauta é, em última instância, um programa (hoje, caricato) de moralização da infância. Assim, se o dia-a-dia da escola se estrutura com vistas a fabricar uma criança afetivo-cognitiva ideal, bem como a partir da ilusão de que tal coisa é possível na medida do apego a uma lógica *a priori* de desenvolvimento necessário, não devemos, então, nos surpreender que o surgimento do *imprevisto* (ou acontecimento) seja considerado um *desvio* em relação a uma norma. Isto é, tudo aquilo que foge a um programa moral e/ou natural é, inevitavelmente, considerado um *incidente* de indisciplina, em vez de ser pensado como o retorno *sui generis* da diferença que habita o campo subjetivo. (Lajonquière, 1996, p. 31)

Para dar ao indivíduo um desenvolvimento pleno e ideal, em que atuem os imperativos de fazer como todos, de acordo com a regra², a pedagogia moderna buscou se aproximar da psicanálise. Ou seja, esperava – e ainda espera – que a psicanálise pudesse produzir, a respeito das capacidades maturacionais e psicológicas das crianças, um saber que possibilitasse erradicar ou até prevenir problemas de aprendizagem e de comportamento a partir da explicitação e da explicação de técnicas previamente elaboradas.

A pedagogia está alicerçada na produção e na acumulação de um conjunto de conhecimentos universais determináveis *a priori* e não em cada ato. Assim colocada, como a pedagogia se nos apresenta orientada? Não por uma ética do desejo, como a psicanálise está, mas por uma moral que visa a produção de um método ideal e de indivíduos virtuosos. Sendo assim, gostaríamos de marcar que há no fundamento dessa busca um desconhecimento da impossibilidade estrutural dessa articulação (Lajonquière, 1996).

2. A respeito da diferença entre regra e lei, ver Leandro Lajonquière (1996).

Sabemos que, apesar de o discurso pedagógico estar fundamentalmente marcado e guiado pela regra e moral, as crianças seguem aprendendo. Então, o que faz o aluno aprender, afinal?

É o vazio estrutural contido no próprio discurso daquele que fala que gera a falta e, assim, mobiliza o desejo do lado da criança. Portanto, quando o professor sabe que a metodologia não é capaz de dar conta do *todo* ele gera, aqui, a possibilidade do *conhecer* acontecer independente da metodologia empregada. Além disso, Kupfer diz que o professor ocupa o lugar da transferência, ou seja, ele toma, muitas vezes, o lugar dos pais, proporcionando uma releitura da relação pai e filho. Os adultos estão sempre nesse lugar de suposto saber para as crianças, conforme diz Jerusalinsky (apud Tavares, 1998). Mas esse lugar não é ocupado apenas pelos professores e adultos em geral. Manonni (1981) disse anteriormente que os amigos da criança na escola também podem tomar esse lugar. Esse lugar de saber suposto, mas não encarnado, abre a brecha revelando a castração e possibilitando, assim, o aprendizado.

Se o desejo de saber está calcado na *sublimação da pulsão sexual*, conforme Kupfer salienta, podemos dizer que o ato de aprender está marcado pelo movimento do inconsciente. Este que tem a estrutura do imprevisto, do evanescente, de algo que nos escapa sempre, mas que produz efeitos, como, por exemplo, uma criação, uma obra de arte (Freud – Leonardo da Vinci). Pela *escuta psicanalítica*, retoma-se a discussão da posição do professor em relação à castração, que o discurso pedagógico supõe velar, e torna-se possível, assim, uma intervenção psicanalítica na escola.

Aqui acreditamos ser possível, a partir da psicanálise, pensar o que está em jogo no desejo de conhecer, marcando uma liga entre o *desejo* e o *conhecer*. O que um professor transmite sem saber é justamente aquilo que seu saber não alcança, ou seja, a *castração*. É isso que abre espaço ao saber da criança.

Se um professor souber aceitar essa “canibalização” feita sobre ele e seu saber (sem, contudo, renunciar às suas próprias certezas, já que é nelas que se encontra seu desejo), então estará contribuindo para uma relação de aprendizagem autêntica. Pela via de transferência, o aluno “passará” por ele, usa-lo-á, por assim dizer, saindo dali com um saber do qual tomou verdadeiramente posse e que constituirá a base e o fundamento para futuros saberes e conhecimentos. (Kupfer, 1997, p.100)

O papel daquele que ensina é o de *ensinar a aprender*. O conteúdo em si não importa, já que a ética do desejo está orientando esse educar. A partir do momento em que o educador puder lidar com a própria castração, ele será, então, um mestre na arte de educar.

O que pode a psicanálise na escola?

Porém, resta-nos perguntar por que o discurso pedagógico hegemônico teima em apagar essa ligação estreita entre disciplina, aprendizagem e psicologia infantil que, pelo contrário, deixa-se ouvir nas entrelinhas da conversa entre colegas? Será talvez porque nessa espécie de saber-não-sabido se encerra precisamente a verdade do próprio discurso pedagógico hegemônico? Se por acaso assim fosse, então pareceria que ele tem alguma responsabilidade na produção dos males que os educadores suportam em seu cotidiano. (Lajonquière, 1996, p. 26)

Como nos aponta o autor, a queixa tão comum, entre educadores, da indisciplina e problemas de aprendizagem, que tem gerado encaminhamentos constantes aos psicólogos, é um produto do discurso pedagógico hegemônico que gera uma ligação estreita entre uma premissa presente, que, entretanto, insiste em recalcar. O que acaba se produzindo é um efeito próprio ao recalçamento dessa verdade. Ou seja, o retorno em forma de sintoma, do qual se queixam os educadores e que se revela no cotidiano escolar.

Tendo isso em vista, pode-se dizer que não há como criar uma metodologia pedagógico-psicanalítica, pois seu método, o pedagógico, prevê ordem, estabilidade e principalmente previsibilidade. Por isso, o que a psicanálise pode na escola, e não a pedagogia, é uma ética, a ética do desejo. Muitas vezes o que é solicitado restringe-se à expectativa que colocaria o psicólogo na posição de produzir um saber que ao mesmo tempo esclarecesse um episódio individual e calculasse sua inevitabilidade em episódios futuros.

Enfim, evidentemente, não é possível ao psicanalista engajar-se no projeto social de reparação a que a escola se propõe. (...) Só se pode assumir essa tarefa de suplência, desconhecendo ativamente os princípios do método psicanalítico e o regime de sua ética. (Vorcaro, 1999, p.15)

Seria possível que a psicanálise viesse esclarecer e dar conta desse insistente pedido dos educadores de promover a resolução dos episódios singulares de indisciplina, problemas de aprendizagem e de imaturação psicológica?

Lajonquière (1996, p. 27) afirma que o problema está

(...) na natureza do pedido, isto é, na pretensão de obter um *saber sobre* a singularidade de um episódio subjetivo. Justamente, enquanto a psicologia se funda no desconhecimento dessa impossibilidade estrutural, a psicanálise dedica-se a assinalá-la.

1. Sabemos, então, que: o saber produzido na e pela psicanálise se dá sempre *a posteriori*, o que tornaria impossível a acumulação de um conjunto de saberes universais *a priori* conforme vem solicitado no pedido;

2. Quando esse saber sobre o acontecimento está na mão do seu produtor, revela seu poder. Enquanto na mão de terceiros, no caso, os professores, revela sua ineficácia, conforme Lajonquière (1996).

Algumas especificidades na escola de surdos

Pareceu-nos interessante pensar, então, a partir destas considerações, se haveria especificidades a respeito dessa articulação psicanálise-educação no contexto escolar no qual esse trabalho foi realizado. Pudemos notar que, em relação ao lugar onde o psicólogo é chamado a responder, tanto a escola para surdos quanto para ouvintes apontam na mesma direção. Ou seja, o que buscam é um saber esclarecedor e que permita a prevenção. Ambas têm a expectativa de uma intervenção normatizadora a partir de uma resposta que permita sustentar aí o ideal de criança. Assim sendo, os profissionais envolvidos na educação ficam impedidos de tomar os acontecimentos do cotidiano escolar como singulares. Cabe lembrar que os profissionais da área da psicologia, por sua vez, buscaram e ainda buscam responder a isso, desconhecendo tanto quanto os que lhe enviam o pedido o impossível dessa tarefa.

Em relação à escola de surdos mais especificamente, existem ainda outros aspectos a serem ressaltados. Quando a criança surda chega na escola, na maior parte das vezes não há um domínio de uma língua, inclusive porque, em geral, trata-se de pais ouvintes que não utilizam a língua de sinais. Observa-se, porém,

com freqüência que, de algum modo, uma comunicação singular, e não propriamente uma língua, se estabelece entre os pais e a criança. A partir disso, a escola se propõe a tarefa de constituí-los (pais e filhos) nessa língua antes mesmo de intervir com fins de educação. O fato de ser este um saber específico, que a escola detém e ao qual ela responde sem se dar conta das possíveis conseqüências, distancia, muitas vezes, a escola da própria proposta a que se destina.

A escola passa a deter, então, o modo que possibilitaria a esses pais se comunicarem com a criança e vice-versa. A apropriação da criança numa filiação depende, entre outras coisas, de que os pais possam transmitir ao filho os traços de uma pertença marcada pelos ideais simbólicos do grupo ao qual essa família está referida. Quando o grupo ao qual a criança fica referida é externo ao parental, estamos no mínimo diante de algo que produz estranhamento. É o que se passa principalmente quando a criança é surda e os pais ouvintes. Se é a escola quem passa a deter a possibilidade dessa transmissão, pois ela não se faz possível se não for através de uma língua, os pais acabam destituídos e impossibilitados de constituir o filho no simbólico. O efeito disso é contrário do que se esperava, do que se pretendia.

Somando-se a isso, os próprios pais trazem um ideal para esse filho, o desejo de que seu filho pudesse estar no mundo como ouvinte. Colocam na escola a possibilidade de realização desse desejo, como se a escola fosse capaz de realizá-lo.

Nesse sentido, a antecipação do ensino de uma língua para surdos faz uma marca de pertinência que ressalta não tanto o que distingue cada criança da outra, mas qual é o traço que as une numa igualdade.

Conclusão

Havíamos nomeado este trabalho para a escola inicialmente de “um novo olhar para o psicólogo”, um olhar descolado do dia-a-dia pedagógico. Esta proposta fundante já indicava uma procura para marcar a diferença, que só pode surgir daquilo que é inesperado e, portanto, criativo por excelência. Freud afirmava que o ato criativo era resultado de uma sublimação. O lugar, portanto, que nos pareceu possível na escola, estaria na direção de fornecer uma escuta à espera

de algo da ordem do imprevisto, do inesperado, daquilo que escapa à norma. Escutar não o que a demanda da escola nos envia naquilo que fala, mas sustentar uma escuta que possibilite surgir algo fundado na diferença, desorientado da norma e orientado pela ética do desejo.

Sendo assim, a pedagogia não pode pedir à psicanálise uma metodologia, pois o que a psicanálise revela ao pensar sobre o desejo de aprender é justamente o impossível estrutural que a pedagogia pretende.

Ainda em relação ao aprender, o professor pode se situar, desde a pedagogia, que acredita possível um controle sobre o efeito que produz no outro, quando o professor é aquele que se propõe a informar o que sabe e formar, “dar forma” ao sujeito. Por outro lado, um *educador guiado pela ética do desejo* sabe que aquilo que o aluno aprende não depende tanto das formas como ele foi informado, nem de qual informação tenha sido essa, mas da possibilidade de, ao engajar aí o seu desejo, se tornar mestre de si mesmo. Ou seja, ensinar como se aprende e não fazer transmissão de informação simplesmente.

Freud foi um antipedagogo, quando nos referirmos à pedagogia como produtora de metodologia, mas um mestre da educação, do desejo de conhecer, revelando que a estrutura do conhecer se fundamenta num movimento da pulsão, que, portanto, não tem objeto e tem, como um de seus destinos, a sublimação.

De modo geral, não se verificam diferenças estruturais entre a escola comum e a escola para surdos:

1. nas posições que o professor pode se alocar;
2. no modo como lançam sua expectativa de que a criança venha se identificar com um padrão de sujeito, não havendo espaço para as diferenças;
3. em conseqüência das duas anteriores, surgem o fracasso escolar e os “problemas psicológicos” das crianças, fazendo com que a escola demande à psicologia uma intervenção esclarecedora e normatizadora.

Concluimos, portanto, que, de acordo com as estreitas relações entre o conhecer e o desejar, não poderíamos propor uma *especialidade* desta articulação para a criança surda, sem correr o risco de apagar a singularidade de cada criança, como se o fato de serem surdas colocasse todas elas sob um traço comum. Em

outras palavras, o que a psicanálise pode revelar é a necessidade de se manter o singular, o caso a caso e, portanto, não se pode propor uma especialidade para o conhecer, no caso de crianças surdas.

Por outro lado, entendemos ser necessário que se abram discussões e se ampliem as pesquisas que apontem direções para a alfabetização dessas crianças, que vem se constituindo na língua de sinais, pois: a) muitas vezes, os próprios professores ainda não têm o domínio dessa língua; b) o processo de leitura e escrita se realizará numa língua (portuguesa) com estrutura distinta daquela na qual a criança primordialmente se constituiu.

Há, entretanto, que se ressaltar que, em sua *especificidade*, a escola para surdos fica no papel de constituição da criança como um sujeito na língua de sinais, alocando-os numa pertinência que os distancia da filiação à qual estão primordialmente referidos. É aí que a psicanálise pode intervir visando tanto esclarecer as necessárias conseqüências dessa especificidade, quanto buscar vias de restituir, no laço entre os pais ouvintes e o filho surdo, a transmissão das marcas que o constituem para além do signo da surdez.

Resumo

Esse trabalho teve como objetivo discutir o papel do psicanalista na escola, a partir das possíveis articulações entre psicanálise e educação, durante um estágio de observação feito numa escola de educação infantil para crianças surdas, situada na cidade de São Paulo. A partir disso, acrescentamos algumas considerações buscando similaridades e diferenças na escola para crianças ouvintes e para crianças surdas. Dentro desse contexto, consideramos que a psicanálise pode intervir, visando tanto esclarecer as necessárias conseqüências dessa especificidade, quanto buscar possíveis vias de restituir, no laço pais ouvintes – filho surdo, a transmissão das marcas que o constituem para além do signo da surdez.

Palavras-chave: *psicanálise e educação, surdez e educação.*

Abstract

The aim of this work was to discuss the psychoanalyst's role in school, based on possible articulations between Psychoanalysis and Education, during observation sessions held in a school for deaf children located in São Paulo. We made some considerations searching for similarities and differences between schools for hearing children and schools for deaf ones. In this context, we consider that Psychoanalysis can intervene aiming to clarify the necessary consequences of that specificity and, moreover, it can search for possible ways to restore, in the bond hearing parents-deaf child, the transmission of marks which constitute that bond beyond the sign of deafness.

Key-words: psychoanalysis, education, deafness.

Resumen

Este trabajo tuvo como objetivo discutir el papel del psicoanalista en una escuela a partir de las articulaciones posibles entre el Psicoanálisis y la Educación durante una pasantía de observación realizada en una escuela de Educación Infantil para niños sordos en la ciudad de San Pablo. Procuramos hacer hincapié en las semejanzas y las diferencias entre las escuelas para niños oyentes y para niños sordos. En este contexto, consideramos que el Psicoanálisis puede intervenir para explicar las necesarias consecuencias de esta especificidad, y también, buscando posibles vías de restitución del lazo entre padres oyentes e hijos sordos, la transmisión de las marcas que lo constituyen para la ultraseñal de la sordera.

Palabras claves: psicoanálisis y educación, sordera y educación.

Referências bibliográficas

- TAVARES, E. E. (1998). O brincar na clínica com crianças. *Revista da APPOA* 14 (*Ato e Interpretação*). Porto Alegre.
- KUPFER, M. C. (1997). *Freud e a educação – O mestre do impossível*. São Paulo, Scipione.
- LAJONQUIÈRE, L. de. (1996). “A criança, ‘sua’ (in)disciplina e a Psicanálise”. In: *Indisciplina na escola*. São Paulo, Summus.
- MANONNI. (1981). *A primeira entrevista em psicanálise*. 12 ed. Rio de Janeiro, Campus.
- VORCARO, A. (1999). “Da língua e de adolescentes numa escola de surdos”. In: *Crianças na psicanálise: clínica, instituição, laço social*. Rio de Janeiro, Companhia de Freud.

Recebido em jun/01; aprovado em ago/01.